Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Mediatização e ciberacontecimento: uma proposta de diálogo[1]

Mediatization e cyberevent: a dialogue proposal

Aldenor da Silva Pimentel

Palavras-chave: comunicação; mediatização; ciberacontecimento; epistemologia; acontecimento.

Este trabalho tem como objetivo tensionar os conceitos de mediatização e ciberacontecimento. Para tanto, com base em pesquisa bibliográfica, ambos serão apresentados, a partir de Eliseo Verón, Antonio Fausto Neto e Ronaldo Henn, além de serem expostas tentativas teóricas existentes de aproximá-los, em autores como Maria Clara Bittencourt e Bruno Souza leal. Na sequência, será realizado debate a fim de aprofundar as potencialidades de diálogo entre os referidos conceitos.

Mediatização e ciberacontecimento são conceitos que têm a mesma raiz epistemológica: as ideias do filósofo estadunidense Charles Sanders Peirce.

As proposições sobre mediatização feitas por Eliseo Verón, autor dos livros Semiose Social 1 e 2, estão arraigadas na semiótica peirciana. Para Fausto Neto (2014, p. 4), Verón desponta como "um dos mais finos leitores de Peirce do ponto de vista de uma aproximação da obra deste grande pensador com a comunicação".

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Do mesmo modo, Peirce é uma das principais referências de Ronaldo Henn para propor o conceito de ciberacontecimento. Ao lado das ideias daquele, outra referência importante para este formular o conceito de ciberacontecimento é o conceito de acontecimento de Louis Quéré, apoiado de forma predominante na perspectiva pragmatista, formulada inicialmente por Charles Sanders Peirce.

Assim como o fenômeno da mediatização se encontra em processo de instauração, o próprio conceito ainda está em construção. O que há de consenso sobre é o entendimento de mediatização como fenômeno em que o corpo social passa a funcionar segundo as lógicas próprias dos meios de comunicação.

Para Fausto Neto (2008, p. 113), mediatização é:

> [a] inscrição de uma ordem tecno-discursiva das lógicas e de operações midiáticas a permear a estrutura social, suas diferentes práticas e interações, e deslocando de modo transversal, para as instâncias societárias, os fluxos e efeitos sócio-técnicos, caracterizados pela cultura e operações midiáticas.

Dentre outros elementos, podem ser destacados na mediatização a mudança de *status* por que passa o leitor: da posição considerada passiva de recepção e consumo de informação, este é convidado a ser protagonista do processo (Autor, 2016).

Raros são os trabalhos que articulam os conceitos de mediatização e ciberacontecimento. Bittencourt (2014) o faz a fim de discutir o papel das redes na geração e na difusão de desdobramentos decorrentes de múltiplas apropriações em torno de um 'fato', verificando o que revelam esses desdobramentos sobre as apropriações comunicacionais feitas por uma multiplicidade de atores nos campos social e mediático.

Para a autora (Bittencourt, 2014), a relação entre os conceitos de ciberacontecimento e mediatização se estabelece a partir das aproximações possíveis por meio das apropriações sociais no contexto *on-line*.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

> Processos de produção e circulação possuem suas dinâmicas alteradas pela midiatização quando esta interfere na organização social, de forma que a constituição de um ciberacontecimento decorre em um cenário midiatizado e fortalecido pela ação de diferentes atores em múltiplos processos comunicacionais em torno de um fato. (Bittencourt, 2014, p. 10).

Ciberacontecimentos são "acontecimentos em curso na cultura contemporânea que já trazem, em suas diversas facetas, as marcas do ambiente digital". (Henn, 2015, p. 208). Tal conceito é proposto a partir de uma revisão de teorias sobre acontecimento e acontecimento jornalístico (Henn, 2013).

Percebe-se, portanto, que, de modo semelhante ao que se vê no conceito de mediatização, no de ciberacontecimento, está presente a ideia de que já exista uma natureza mediática no ciberacontecimento, na medida em que este se engendra nas plataformas de redes sociais digitais.

Henn (2011) indica uma diferença, relacionada ao processo de transformação do objeto em signo, entre o acontecimento tecido no âmbito dos 'meios de comunicação de massa tradicionais' e os que se proliferam agora pela *web*.

Para Henn (2011), no modelo anterior, dos 'meios de comunicação de massa tradicionais', havia uma unilateralidade do processo, o que coloca o objeto do signo/acontecimento na condição lógica potencialmente exterior ou determinantemente indicial. Por sua vez, a semiose disparada tendia a determinadas acomodações que dependeriam do grau de reverberação pública conquistado.

> No atual modelo temos um objeto que se produz na interioridade do meio que se transforma em lugar lógico e virtual de sua constituição. O acontecimento já é essencialmente sígnico e a semiose vai se dar, em grande medida, na própria materialidade do meio em um processo de intensificação coletiva da produção do signo/acontecimento. (HENN, 2011, p. 90).

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

De acordo com Henn (2013), ciberacontecimento é um processo ainda em constituição, com, pelo menos, três dimensões:

a) os processos transnarrativos e hipermediáticos que incluem a presença de outros atores;
b) a reverberação instantânea que passa a ser incorporada na própria narrativa, também a constituindo;
c) e a eclosão desses outros modos de acontecimento que se tramam no cenário de conexões sistêmicas altamente complexas.

Oliveira e Henn (2014) sustentam que os ciberacontecimentos incorporam a natureza do lugar em que se constitui, a *internet*. Desse modo, assimilam a alta conectividade, compartilhamentos e a propulsão 'intensa' de sentidos.

Henn (2013) destaca ainda como mais uma 'dimensão contemporânea do acontecer' o fato de este se tramar na 'porosa' fronteira entre o privado e o público. "Com as redes sociais na internet, a exposição pública do que é estritamente privado ganha contornos dos mais diferentes matizes. Há também questões públicas que ganham um tom 'privativista'". (Henn, 2013, p. 33-34).

O ciberacontecimento é, portanto, entendido como produto das redes, da atividade de atores diversos a partir da apropriação de suportes, ferramentas, dispositivos e dinâmicas variadas (Bittencourt *et al.*, 2015).

> Sua configuração carrega traços do acontecimento jornalístico, mas vai além das formatações tradicionais, incorporando novos atores e dinâmicas de participação e compartilhamento que interferem na maneira como os conteúdos se espalham (Jenkins *et al.*, 2013) e interferem na constituição do acontecimento e seus desdobramentos. (Bittencourt *et al.*, 2015, p. 80).

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Discussões de Leal, Vaz e Antunes, com destaque para o primeiro autor, também aproximam os conceitos de mediatização e ciberacontecimento, ainda que nenhum daqueles três pesquisadores trabalhe com esta última concepção.

Leal *et al.* (2010) recorrem ao conceito de mediatização para refutar a ideia de que exista uma anterioridade e uma cisão total entre notícia e acontecimento.

Os autores (Leal *et al.*, 2010), chamam atenção para duas correntes que convivem no campo acadêmico: aquela que discute os processos de mediatização da vida social e a tradição teórica que entende a noticiabilidade como processo de captação e tradução do acontecimento.

Para Leal *et al.* (2010), esta última tradição supõe que há uma 'anterioridade fundamental e intransponível' entre acontecimento e notícia, considerando esta uma narrativa decorrente dos procedimentos de apuração e reconstituição daquele. "Essa distância equivale, portanto, em certa medida, à que existiria entre o objeto (vida social) e sujeito (jornalismo), instituída historicamente sobre forte influência do pensamento científico do século XIX e, em especial, [...] do positivismo". (Leal *et al.*, 2010, p. 222).

Segundo Leal *et al.* (2010), a percepção, que entendem como problemática, de que haveria uma anterioridade do acontecimento em relação à notícia justifica a distinção entre eventos 'não previstos' e os 'de rotina'. Em contrapartida, questionam: "A não previsibilidade de um acontecimento, a sua natureza 'acidental', implica que na sua gênese não haja a presença do sistema mediático? [...] Um mega-acontecimento, como os ataques de 11 de Setembro, não foi, desde o início, mediático?" (Leal *et al.*, 2010, p. 237).

Leal e Antunes (2011) defendem que a relação jornalismo/acontecimento não se resume a fórmulas como a do *unusual*, do que 'irrompe' inesperadamente no cotidiano, o que distanciaria jornalismo e acontecimento, como sujeito e objeto, e traria uma visão dos eventos como algo estável e pacífico. Para os autores (Leal e Antunes, 2011), os

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

acontecimentos surgem no cotidiano já imbricados, em maior ou menor grau, à ação dos *media*, sendo os jornalistas promotores de eventos, especialmente para os seus públicos.

> Por isso mesmo, um acontecimento não se constitui em algo pontual e efêmero, sendo produzido assim, como fato noticioso, exatamente pela ação dos jornalistas, ao sabor das especificidades dos veículos e dos processos de produção aos quais se encontram integrados. (Leal e Antunes, 2011, p. 27).

Em outro texto, em uma perspectiva pragmatista e hermenêutica, Bruno Souza Leal (2013) defende que um acontecimento surge como dependente da intriga, a célula da narrativa, para adquirir sentido. Para o autor (Leal, 2013, p. 137), em vez de ser algo que acresce ao acontecimento, "a narrativa se apresenta, sob esse olhar, como a condição de sua experiência, a partir do desenvolvimento da intriga por parte daquele que vive a ocorrência e que tem que lidar com ela, apreendê-la, dar-lhe sentido".

Percebe-se, portanto, que, para ambos os conceitos, mediatização e ciberacontecimento, um meio interfere não só no comportamento de outros meios, instituições e indivíduos, como na configuração dos acontecimentos. Assim, cada contexto mediático estabelece estreita conexão com um tipo específico de acontecimento e propicia distintos níveis de participação dos sujeitos na topografia do acontecimento.

Desse modo, pode-se dizer que a mediatização produz um novo tipo de acontecimento, que apenas é possível na presente configuração comunicacional e a partir da dinâmica atual entre os atores nela envolvidos.

A compreensão de que o ciberacontecimento se constitui de elementos do ambiente em que é produzido permite dizer que aquele é um acontecimento típico das sociedades em mediatização na contemporaneidade. Sendo assim, ainda que elaborados

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

de lugares e pontos de vistas diferentes, ambos os conceitos, ciberacontecimento e mediatização, apontam para a mesma lógica.

Referências

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Ciberacontecimento e midiatização na renúncia do rei da Espanha. **Lumina**, Juiz de Fora, v.14, n. 2, p. 1-28, dez. 2014. Disponível em: https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/318/341. Acesso em: 10 maio 2018.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; GONZATTI, Christian; HENN, Ronaldo; VIERO, Felipe. O desafio do balde de gelo como ciberacontecimento: celebridades como vetores-chave de espalhamento e apropriações. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 17, n. 1, p. 77-90, jan./abr. 2015. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.171.08. Acesso em: 30 ago. 2017.

FAUSTO NETO, Antonio. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, a. 5, n. 1, p. 109-121, jan./ jun. 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p109/10227. Acesso em: 13 jul. 2018.

FAUSTO NETO, Antonio. O deslocamento da semiótica: a gigantesca e inconclusa obra de Verón, segundo Fausto Neto. [Entrevista cedida a Manuel Dutra]**. Manuel Dutra**, *[s.l.]*, 2014. Disponível em: http://blogmanueldutra.blogspot.com/2014/07/o-deslocamento-da-semiotica-gigantesca.html. Acesso em: 16 jan. 2020.

HENN, Ronaldo. Acontecimento em rede: crises e processos. *In*: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (org.). **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. Florianópolis: Insular, 2011. p. 79-96.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. *In*: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (org.). **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013. p. 31-48.

HENN, Ronaldo. Os mortos vivem no twitter: outras camadas da morte como acontecimento. *In*: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (org.). **Jornalismo e acontecimento**: diante da morte. Florianópolis: Insular, 2012. p. 111-130.
HENN, Ronaldo. Seis categorias para o ciberacontecimento. *In*: NAKAGAWA, Regiane Miranda; SILVA, Alexandre Rocha (org.). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: Intercom, 2015, p. 208-227.

LEAL, Bruno Souza. No embate entre tática e estratégias, o fluir e a fabulação do acontecimento. *In*: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (org.). **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013. p. 135-158.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton. O acontecimento como conteúdo: limites a aplicações de uma metodologia. *In*: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (org.). **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. Florianópolis: Insular, 2011. p. 17-36.

LEAL, Bruno Souza; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. De quem é a agenda? *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 221-239.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; HENN, Ronaldo. Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo. **Contemporânea**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 39-54, jan./abr. 2014. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/9807/7544. Acesso em: 19 dez. 2018.

Autor. 2016.